

GÊNERO, CULTURA E REDE SOCIAL: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA DESIGUALDADE DE GÊNERO POR MEIO DA LINGUAGEM*

GENDER, CULTURE AND SOCIAL NETWORK: THE SOCIAL CONSTRUCTION OF GENDER INEQUALITY BY THE LANGUAGE

RESUMO: Baseado na visão sistêmico-cibernética-novo paradigmática e no construcionismo social, o presente artigo é um convite à reflexão sobre a importância da linguagem na manutenção e na possibilidade de mudança de padrões relacionais desiguais entre pessoas, principalmente ligados às questões de gênero. Estudos sobre a linguagem e sobre o comportamento verbal das mulheres e dos homens, além das representações destes na mídia, servem de exemplos para evidenciar a necessidade aqui defendida de mudança nos padrões de desigualdade pautados em diferenças de gênero, que influenciam e sofrem influência da cultura, transmitida em nossas redes sociais, marcando posições privilegiadas segundo a tipificação sexual na sociedade. Este artigo é uma contribuição para o trabalho clínico com famílias e casais, do ponto de vista dos comportamentos correntes baseados em bordões veiculados pela mídia que se tornam populares, uma vez que se baseia em observações de situações clínicas e não clínicas sobre relações humanas e sobre a representação destas na mídia e nas produções artísticas.

PALAVRAS-CHAVE: gênero, cultura, rede social, linguagem.

ABSTRACT: Based on systemic-cybernetic-new paradigm vision and social constructionism, the paper is an invitation to reflect on the importance of language in the maintenance and the possibility of changing unequal relational patterns, mainly related to issues of gender. Studies on language and verbal behavior of women and men, besides their representation in the media, are examples to illustrate the need advocated here, to changing patterns of inequality guided by gender differences that influence and are influenced by the culture, conveyed in our social network. This paper is a contribution for the clinical work with families and couples, from the perspective of the current behaviors, based on refrains spread by the media which became popular, since it is based on clinical and nonclinical observations about human relationships and its representation in the media and artistic productions.

KEYWORDS: gender, culture, social network, language.

MARIANNE FEIJÓ

Coordenadora do projeto de mediação de conflitos da fundação Gol de Letra, professora assistente, doutora da Unesp-Bauru, professora e supervisora dos cursos de mediação da PUC-SP/Cogee, Terapia Familiar e Intervenção Sistêmica da PUC-SP, Famerp, FTSA e Unifesp.

ROSA MARIA STEFANINI DE MACEDO

Psicólogo, prof^a titular do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, líder do Núcleo de Família e Comunidade da Anpepp.

Recebido em 11/07/2012.

Aprovado em 28/08/2012.

INTRODUÇÃO

Assumindo o posicionamento sistêmico-cibernético novoparadigmático (Esteves de Vasconcelos, 2004) de que somos seres em relação e de que nossa identidade, assim como nossos padrões de comportamento, é construída socialmente (Sluzki, 1997), não é possível desvincular as questões de gênero da cultura e da rede que são o contexto desta construção.

As desigualdades de posições quanto ao gênero entre homens e mulheres resultaram do deslocamento das diferenças biológicas entre os sexos para diferenças de posições na sociedade. Com base nas diferenças biológicas, padrões de comportamentos típicos foram transmitidos a homens e mulheres, porém as desigualdades resultaram das diferenças de oportunidades que geraram as questões de domi-

* Parte desse trabalho foi apresentada no Congresso Internacional "Valores Universais e o Futuro da Sociedade" em setembro de 2001 no SESC/ São Paulo. Foi feita versão revista e ampliada no II Simpósio de Sexualidade na Família em maio de 2007, UNIFESP/São Paulo.

nação e poder do sexo masculino e de subordinação do sexo feminino (Macedo, 2006; 2007; Soares *et al.*, 2011; Vieira, 2012).

Tais questões podem ser mais bem observadas do ponto de vista de gênero, que se refere ao status cultural do que vem a ser masculino ou feminino, distinto do status biológico como macho ou fêmea (Greenglas, 1982). Em termos de comportamento, o que interessa é saber que masculinidade e feminilidade são construídos socialmente, são histórica, relacional e culturalmente determinados (Abundis, 2007; Greenglas, 1982; García, 2000; Macedo, 2007; Vieira, 2012).

Gênero é uma forma de estruturação de práticas sociais e, como tal, implica variações de tempo e lugar, além de ser vinculado à etnicidade e nível socioeconômico.

Passando para o nível microssocial, ao articularmos vida pessoal e estruturas sociais podemos perceber como as relações de gênero permeiam todos os aspectos da vida cotidiana: grupos sociais de que fazemos parte, portanto redes a que pertencemos, lugares que frequentamos, a qualidade e a quantidade dos contextos significativos na formação de valores, crenças, construção de padrões de comportamento, sua manutenção ou mudança. Todos eles são sujeitos a qualificações de gênero.

Ao ressaltar a função constitutiva da cultura na definição da identidade de gênero, bem como sua característica estritamente relacional, atenção especial deve ser dada à linguagem, por meio da qual significamos o mundo, segundo o construcionismo social (McNamee, 2008; Grandesso, 2000; Gergen, 1994).

A noção de cultura abrange tanta diversidade, que é difícil abarcar todos os seus significados em uma única definição. Escolhemos duas que, a nosso ver, são bastante abrangentes e enfati-

zam nossa posição sobre a construção de significados. Para Falicov, cultura “são visões de mundo compartilhadas e comportamentos adaptáveis derivados da localização simultânea em vários contextos” (1988, p. 336). Geertz (1973, p. 5), citando Weber, apresenta a definição de cultura que, a nosso ver, complementa a anterior: “Uma rede de significados tecida pelo próprio homem.”

Atividade eminentemente relacional, a construção do significado do que é ser homem ou mulher se dá socialmente na linguagem. Portanto, a forma como são vivenciadas a masculinidade e a feminilidade depende de significados atribuídos por nós e por aqueles que nos rodeiam, ou seja, nossas redes sociais (Feijó & Macedo, 2012).

COMPORTAMENTO VERBAL E DESIGUALDADE ENTRE GÊNEROS

Os trabalhos sobre o papel da linguagem e as diferenças no comportamento verbal das mulheres e dos homens em diversos países e culturas, como os de Albisher e Forel (1991), de Mead (1969) e de Dias (2005), retrataram como o que falamos e como falamos reforça algo que se mantém ou pode impulsionar uma mudança, já que a realidade é construída por seres em relação, ideia básica do construcionismo social, como apontamos anteriormente (Freedman & Combs, 1996; Grandesso, 2000).

As relações de poder, a hierarquia, ficam evidentes na linguagem da maior parte das culturas e línguas ameríndias, africanas e asiáticas, marcando claramente uma diferenciação baseada no sexo do locutor. No Japão, por exemplo, diferenças entre o tamanho das expressões utilizadas pelos homens e mulheres, bem como a forma de falar dependendo do locutor,

mostram claramente a posição submissa reservada às mulheres independente de sua condição social.

Estudos antropológicos em algumas comunidades de língua Gros Ventre (Flannery, 1946) mostravam que as mulheres usavam palavras “mais modestas” e se usassem alguns termos exclusivos dos homens eram consideradas “mulheres masculinas”. Da mesma forma, um estrangeiro poderia passar por “efeminado” ao trocar certas palavras ou falar com menos segurança.

Esse é um exemplo que se aplica ao Brasil atual, onde, guardando as diferenças de tempo e lugar, às mulheres ainda cabe o estereótipo de delicadas e gentis; espera-se que sua linguagem reflita essa condição, diferentemente dos homens de quem a sociedade tolera e até estimula um modo mais grosseiro de falar. Prova disso é a estranheza que causa em muitos ambientes homens gentis, delicados, que evitam termos de baixo calão na linguagem corrente, a quem são atribuídos adjetivos pejorativos, como “bichas”, “viadinhos”, “boiola”, “boneca”, “biba”, entre outros.

As desigualdades socioeconômicas também são visíveis pelo uso da língua. Trudgill (1991) falou de sexo e prestígio linguístico, estudando os fenômenos linguísticos ligados à estratificação social, idade e sexo.

Tanto para Trudgill como para Houbine (1991), foram apontadas diferenças entre homens e mulheres nas interrupções e no uso de perguntas e de formas de criar abertura para expor seu ponto de vista. Concluíram, em um desses estudos, que o uso da língua segue uma hierarquia que parece estabelecer uma sequência da maneira que segue: o homem poderoso, a mulher, o homem subordinado e a criança, segundo a ordem de importância social.

A partir dessas considerações, este artigo, em formato de ensaio teórico, pretende discutir determinadas ex-

pressões culturais, bem como alguns aspectos da linguagem utilizada por homens e mulheres no Brasil nas últimas duas décadas como indicativo do status cultural da postura feminina e masculina, portanto de gênero como categoria social, ressaltando alguns aspectos importantes para a reflexão dos profissionais das áreas de saúde, social e da educação, no intuito de abrir o diálogo sobre os novos modelos de feminino e masculino. Pretendemos alcançar tal objetivo utilizando o critério de análise da linguagem de acordo com a visão dos estudos antropolinguísticos, isto é, de acordo com o sexo do locutor, não com a definição de gênero do ponto de vista linguístico, portanto com foco no já mencionado ponto de vista social.

A importância de citar esses estudos é a evidência das diferenças masculino/feminino marcadas na estrutura da linguagem mais claramente detectáveis nessas culturas. Os estudos citados não se referem às linguagens da cultura europeia da qual deriva nossa tradição linguística, porém, como sabemos, nessas línguas as variações léxicas decorrem de acordo com o interlocutor, a quem se fala, e do que se fala. Desse modo, falas masculinas e femininas são marcadas basicamente pelos códigos de gênero como categoria social, isto é, como se espera que fale uma menina ou um menino, de acordo com seu nível social e educacional.

EXPRESSÕES CULTURAIS: UM RETRATO DE NOSSO TEMPO NO QUE SE REFERE ÀS QUESTÕES DE GÊNERO

Como sabemos, as expressões culturais (arte, música, literatura) têm um enorme peso no retrato de nosso tempo e são muito úteis para estudar questões que se referem às relações de gênero, sobretudo na linguagem.

No Brasil, a mídia, a moda, a música e a literatura nos dão uma boa ideia de como padrões de comportamento diferentes e antagônicos convivem lado a lado, no que se refere aos papéis e à posição dos homens e das mulheres na sociedade, na medida em que são responsáveis pela criação e divulgação de expressões que vão caindo no domínio público e sendo empregadas geralmente sem muita crítica pela população.

Apesar de a mulher vir ganhando espaço no mercado de trabalho, ocupando posições vistas como masculinas, e de os homens virem participando mais no ambiente doméstico, compartilhando tarefas consideradas até então próprias da mãe, mulher e “dona-de-casa”, esta mudança ainda é abordada de forma pejorativa em muitos grupos sociais, em algumas expressões culturais e mesmo em comerciais na veiculação de propagandas nos diversos meios midiáticos, indicando a convivência de padrões conflitantes que oscilam entre o arcaico e o moderno, a família tradicional idealizada, de organização patriarcal com regras sexualmente tipificadas para a educação dos filhos, e as novas configurações familiares, um pouco mais igualitárias desse ponto de vista (Abundis, 2007; Figueira, 1987; Cervený, 2011).

Acreditamos que assim como as produções culturais, alguns de nós, profissionais da área de saúde, também oscilamos entre uma postura de formadores de novas opiniões sobre modelos e costumes e uma postura que reforça padrões tradicionais.

Além disso, concordamos com Martin e Mahoney (1996) que é preciso estar atentos ao “mito da igualdade”, que nos leva enganosamente a ignorar a consideração das diferenças sexuais em nosso trabalho, e, com isso, desconsiderar a desigualdade social entre homens (superiores) e mulheres

(inferiores), contribuindo para a manutenção do *status quo*, que implica transformar uma diferença inegável em posições desiguais.

A mudança de papel da mulher na sociedade brasileira e, principalmente, sua entrada no mercado de trabalho trouxeram alterações significativas, uma vez que, do ponto de vista sistêmico, ao se alterar a posição da mulher, a do homem também sofre alterações, apesar das suas resistências. Ainda assim, apesar do discurso sobre igualdade de direitos e divisão de tarefas, na prática, constatamos que estas ainda não atingiram um nível igualitário de fato. Muitas mulheres trabalham em dupla jornada, assumindo a maior parte das tarefas domésticas, mesmo que também respondam pelo sustento financeiro da família (Macedo, 2007; Vieira, 2012).

De qualquer forma, todas as conquistas das mulheres nos últimos tempos, a possibilidade de saída do ambiente doméstico, a melhora na possibilidade de divisão de papéis, as mudanças tecnológicas, as exigências cada vez maiores no ambiente de trabalho, geraram uma situação complexa. Cada vez mais os casais necessitam criar um padrão de relacionamento que seja compatível com esta demanda (Horta & Feijó, 2007; Feijó, 2007).

A rede social, aquelas pessoas que nos são mais significativas, têm papel importante na validação desta nova identidade. Aí entram as características dessa rede, que, de maneira geral, tende a ser mais distante ultimamente; há distância geográfica e pouco tempo para contato (Sluzki, 1997; Feijó, 2006), especialmente nas cidades grandes. Como já dizia Medina (1974), se esta teia é frouxa, há ambiguidade face à validação de nosso mundo e de nossas identidades. Na medida em que o contato face a face rareia, tanto pelas

dificuldades impostas pela vida nas grandes cidades, como pela exiguidade do tempo para atividades de lazer, nosso contato com o mundo vai sendo em grande parte proporcionado pela tecnologia que põe ao nosso alcance uma série de meios, não só para nos informar como para nos distrair.

A música, a propaganda, as novelas e a televisão, entre outros meios, tomam um espaço significativo na vida das pessoas, não só retratando seus padrões de relacionamento, mas também exercendo influência sobre eles, pois, como diz Morin (2006) em sua teorização do paradigma da complexidade, somos ao mesmo tempo produzidos pela e produtores da sociedade, ou ainda, conforme Motta e Ciurana (2002), a cultura que nos produz ao mesmo tempo é produzida por nós. Por estarmos plenamente de acordo com tais afirmações, justifica-se a importância de ressaltarmos o que e como vem sendo falado (mostrado, significado) sobre o que é ser homem e ser mulher na nossa sociedade no sentido de masculino e feminino.

Ainda existem muitas contradições, tensões e impasses relacionais, que estão diretamente relacionados ao contexto social em que vivemos e que construímos. Um bom exemplo de dicotomia em relação à rede social é a situação de muitas mulheres jovens, que, atualmente, têm o maior apoio de sua família para alcançar autonomia por meio de suporte material e psicológico para obter um elevado nível nos estudos, e que, no entanto, passam a sofrer pressões e restrições desta mesma família quando querem viver com independência, saindo da casa paterna. Há uma dupla mensagem de que a mulher tem que estudar, e ser independente, mas nem tanto, pois a expectativa de que precisa se casar, constituir família e não levar uma

vida de solteira, sexualmente ativa, sem assumir maiores compromissos familiares, ainda persiste; já para o homem, ser sustentado é um problema, uma vez que ainda cabe a ele garantir o equilíbrio financeiro, prover a casa, segundo os padrões de gênero construídos como valores masculinos e incorporados firmemente na formação de sua identidade de homem, na concepção de sua autoimagem, autoestima e autoconfiança como “sexo forte”, detentor do poder.

Essas observações mostram como as questões de gênero constantemente vêm à tona, ora reforçando um padrão de desigualdade polarizado no qual a mulher ocupa sempre a menor posição, ora apontando para mudanças já alcançadas ou em andamento, criando tensões entre homens e mulheres, às vezes implícitas, e, em outras, explícitas.

A TELEVISÃO COMO PROPAGADORA DE PADRÕES RELACIONAIS DESIGUAIS

A mídia, principalmente a propaganda que é estruturada a partir dos desejos dos consumidores, cada vez mais retrata homens exercendo papéis que eram tidos como femininos na sociedade brasileira (cuidar de bebê, arrumar a casa, expor os sentimentos) para muito acertadamente alcançar o grande número de mulheres que trabalham; por outro lado, veiculam também situações domésticas com uma divisão tradicional de papéis (mulheres donas de casa, cuidando das refeições da família, das roupas do marido; a conhecida “família margarina”) como exemplo de família feliz, além de sátiras sobre o homem dominado pela mulher moderna, alvo de chacotas do grupo masculino (machão).

Medrado *et al.* (1997) estudou a representação social da masculinidade

na propaganda televisiva brasileira no horário nobre da emissora Globo no primeiro semestre de 1996 e levantou, entre outros aspectos, que a imensa maioria dos comerciais é narrada por homens, pois, segundo os autores, isto dá mais credibilidade ao produto. Além disso, usam mais homens em comerciais de produtos mais caros e relacionados a contextos não-domésticos. Como se não bastasse, 87,4% dos personagens são homens e mulheres brancos. No entanto, produtos domésticos e relacionados a lazer e a status masculino usam como apresentadores mulheres mais famosas pela beleza, glamour e apelo “sexy”, o máximo do feminino!

Os homossexuais vêm sendo mais retratados na mídia ultimamente, o que poderia ser sinal de redução de preconceito, mas, infelizmente, dependendo de como são representados nas novelas, por exemplo, a discriminação por parte da população pode até aumentar.

Ainda é comum apresentá-los com comportamentos exagerados e estereotipados em personagens mais propensos a ser ridicularizados pelo seu comportamento, vinculado à sua orientação homossexual. Em 2012, o contraste entre novos e antigos padrões e visões sobre o homem e a mulher hetero e homossexual apareceu no imenso sucesso feito por dois personagens da novela das 21 horas, horário nobre, da referida emissora. Uma mulher, mãe, separada, realiza profissionalmente consertos hidráulicos e elétricos em residências, sendo tratada por um nome masculino; apresenta autoridade na educação dos filhos e expressa constantemente seus valores (honestidade, respeito ao próximo, solidariedade) em palavras e ações, reforçando o valor de uma configuração de família comum em nosso tempo (chefiada pela mulher). Tal personagem foi muito elogiada pelo públi-

co em geral, resultando na aparição da mesma em capas de revista de notícias e em caderno de jornais, ambos de repercussão nacional. Outro personagem que se tornou bastante popular, imitado e admirado, mas também ridicularizado, era um homem jovem com orientação homossexual, que trabalhava como serviçal, submisso à sua patroa, preso a padrões estéticos e ao valor do status conferido pelos bens materiais, que se expressava de maneira efeminada estereotipada, e cheia de trejeitos, recebendo agressões verbais e ameaças constantes da patroa, lembrando mais a figura de um “bobo da corte”.

A dona da casa, bastante preconceituosa e classista, maltratava não só este funcionário, que era uma espécie de mordomo e assistente pessoal, mas também o motorista e a cozinheira/arrumadeira. Além disso, escondia ser filha de uma empregada doméstica, pois isto “manchava o seu passado”, e mantinha relações sexuais com um homem de menor poder aquisitivo, a quem “mandava chamar quando queria”. Autoritária e mau caráter, valia-se de sua condição material para impor suas vontades e caprichos aludindo claramente a uma ideia de que o dinheiro tudo compra.

As relações entre personagens da telenovela acima referida retratam de forma estereotipada, mas não muito distante da real, as desigualdades pautadas em diferenças enfatizadas neste artigo.

No que se refere aos estereótipos da relação homem-mulher na TV, na década de 1990, a “Tiazinha”, um ícone sadomasoquista, fez grande sucesso usando máscara, chicote e lingerie minúsculas para depilar os homens que errassem as perguntas em um programa de auditório. Já a “Feiticeira”, criada no mesmo programa, era uma loira escultural, vestida de odalisca, se-

minua, com o rosto coberto pelo véu, que dançava e quase se encostava nos homens, se insinuando aos que cumprissem as tarefas determinadas pelo jogo do programa. Atualmente, no lugar dessas figuras, temos a “Mulher Samambaia” e a “Mulher Melancia”, explorando seus corpos com a função de atrair audiência. São mais exemplos da contribuição da mídia na manutenção e no reforço de padrões desiguais de relação.

A DESIGUALDADE RETRATADA PELA MÚSICA

Na música, há também indícios de mudanças de padrões convivendo com preconceitos e estereótipos. Alguns conjuntos que vêm fazendo sucesso e que tocam músicas apontadas como as mais ouvidas em determinadas rádios exploram a imagem da mulher dominada e subordinada ao homem e/ou do homem dominado pela sedução, pelo lado erótico, “sexy” e superficial da mulher, seu corpo, suas formas, sua beleza.

Muitas letras de samba, pagode e músicas regionalistas retratam tais estereótipos construídos em torno das questões de gênero, ressaltando as expectativas de que o homem seja o provedor financeiro e que a mulher seja sempre sensível, dependa dele, seja bela, cuide da comida e da casa. Este é o caso das letras das músicas: “Mulher Chorona” e “Nóis Não Vive Sem Muié” (Teodoro e Sampaio), “Ratatuia” (Zeca Pagodinho). Há também “Você Não Passa de uma Mulher” (Martinho da Vila) e “É Disso que o Velho Gosta” (Os Serranos), música gaúcha antiga que também se ouve muito em outras regiões do país.

Nas letras de MPB e de Rock, mais ouvidas nas rádios dirigidas às classes

de maior poder aquisitivo, tais estereótipos não aparecem de forma tão arraigada e explícita, sendo muitas vezes questionados; o que não impediu um músico respeitado (Frejat), de um conjunto com grande prestígio, compor a música: “Homem não Chora.”

O movimento funk, que explodiu no Brasil nas duas últimas décadas, iniciou-se nos bailes de periferia, onde a violência era constante. Atualmente, no entanto, estas festas atraem público de todas as classes sociais, quer para um programa extravagante, quer para se divertir. O que parece estar mais exacerbado hoje em dia nesses bailes, atraindo tanta gente, é o apelo sexual e sensual, como apontou Fernanda Schmidt (2007) no site da *Folha de S. Paulo*. Os hits propagaram termos como “popozuda”, que seria o mesmo que “bunduda”, mas com o sentido de gostosa, poderosa; “cachorra”, que, na gíria construída nas comunidades funkeiras, tem um sentido negativo: “sua cachorra!” – mulher que trapaceia, engana, faz mal para alguém. Por outro lado, é comum usar o termo cachorro, como coitado: “tratado(a) como um cachorro”. Isso dá um sentido duplo para a gíria referida: a mulher cachorra é aquela que se insinua, domina, usa o homem (se aproveita de sua condição material), mas ao mesmo tempo é usada por ele sexualmente. Depois do “Bonde do Tigrão” que valorizou a mulher do baile, as “preparadas” que desfrutavam o prazer com maridos que se “esquentavam” com elas, enquanto as esposas ficavam em casa esquentando a marmita para eles, veio o sucesso da Popozuda, e, em seguida, a música da Eguinha Pocotó, conhecida por meninas de diferentes idades e níveis socioeconômicos, que reboavam ao som de uma letra que falava da mulher e de sua posição de forma pejorativa; outras vieram de-

pois desta, com o mesmo apelo. Atualmente, fazem sucesso músicas que deixam clara a ética das relações baseadas no uso da sexualidade expressa pelo desejo explícito do homem e pela manipulação desse desejo com um jogo de sedução e oferta da mulher: “Ai se eu te pego”; “Ai, ai, ai, ai, ai, ai... assim você mata o papai”; “Eu quero tchu, eu quero tcha...”, todas acompanhadas de gestual que deixa muito claro do que se está falando. Enfim, apesar das inúmeras diferenças entre as letras e os conjuntos de músicas funk, a criação dos mesmos com tal apelo continua crescendo. Há um movimento aparentemente menos radical quanto a essa postura na mídia brasileira e em muitos bailes funk, mas determinados conjuntos ainda contribuem para a manutenção dos padrões de dominação e de poder entre homens e mulheres e entre classes com base justamente nessa linguagem erotizante eivada de malícia e duplos sentidos. Mais ainda, tais músicas frequentemente retratam o valor que é dado aos bens materiais – motos, carros, roupas de grifes caras, além do culto ao corpo ressaltado por mulheres de barriga de fora e calças muito justas, que ressaltam as formas do corpo feminino, e homens fortes de camisa semiaberta exibindo a musculatura. Uma delas, tocada nos bailes citados, se chama “Chapeuzinho Mercenária”, fazendo referência à personagem da história infantil na qual, como se sabe, uma menina ingênua vai levar doces para a Vovozinha e é comida pelo Lobo Mau. A música traz uma conotação da mulher que se deixa “comer” (sentido sexual) pelo homem, mas que no fundo está de olho no que ele tem a oferecer financeiramente.

Em outras músicas, são as mulheres que assumem o poder e que devem cuidar para que o homem não as domine, utilizando a sua condição

financeira. Numa delas, a mulher glamorosa, poderosa, balança gostoso requebrando até o chão, é a rainha do funk, na música “Glamorosa” de MC Marcinho.

DE RAINHA DO LAR A RAINHA DO BAILE FUNK?

O antropólogo Hermano Viana, que estuda a cultura brasileira, assim se manifestou sobre a “Cultura popozuda” em um dos jornais mais importantes de São Paulo: “Pós-feministas, as meninas do funk carioca só são submissas quando querem: loucas por status perdem a linha por motos, celular e roupas (*apud* Palomino, 2001).”

O termo “perdem a linha” também vem de uma das músicas funk e, no nosso entender, está relacionado a um ditado que os homens antigamente usavam muito, mas ainda hoje se ouve por aí: “A única mulher que andou na linha o trem matou”, retratando uma posição machista, na qual não se pode confiar na fidelidade da mulher. No entanto, no código machista parece que a linha é outra: o homem sair com outras mulheres é da sua “natureza”. Tanta naturalidade parece estar ancorada ainda na herança do código cultural de antanho, ligado à vigilância da virgindade feminina. Nessa tradição, a mulher era rapidamente classificada como “puta” se fizesse sexo antes do casamento, o que hoje não faz mais sentido. Dada a liberalidade dos costumes hoje em dia com relação à sexualidade, a mulher que usa o sexo não profissionalmente apenas para “se dar bem” é, no máximo, uma “periguete”.

Um sério problema quanto à naturalização desse vocabulário e do sentido que ele tem em termos da relação entre os sexos é o fato de essas músicas serem utilizadas largamente nas festi-

nhas de crianças e púberes, inclusive pelos animadores e hostess como coreografia grupal para divertir a turma. São repetidas muito frequentemente sem a compreensão exata do seu significado (pelas crianças menores), ou então com a malícia que já desponta por meio do interesse erótico dos púberes e adolescentes, passando a ser usadas no vocabulário corrente, em blogs e outros sites de relacionamento. Não se dão conta de que, ao reproduzirem tais expressões sem crítica, estão contribuindo com a construção de um padrão de relações chulo e desrespeitoso, sem a necessidade de compromisso, de que só se darão conta bem mais tarde, quando estiverem em busca do “amor verdadeiro”.

A autora do referido artigo da *Folha de S. Paulo*, a colunista Erika Palomino, cita Hermano Vianna (2001), que chamou a atenção para algo muito sério: “Na linha de frente, essas meninas que se autodenominam ‘cachorras’ instalam um novo modelo feminino. É uma ‘nova mulher’ em cena, pós-feminista, criada vendo Xuxa na TV, que não tem medo de homem nenhum, que não é nem um pouco submissa: ela decide quando, como, onde e com quem quer fazer sexo (‘quebrar barraco’) e ainda humilha o cara de ‘pau molão’.” A nosso ver, é um tanto paradoxal falar assim dessa “nova mulher”, justamente porque nossa postura enfatiza a necessidade de pensar o feminino além dos atributos tradicionalmente forjados desde os tempos imemoriais: a arte de seduzir. Criar novos modelos de relacionamento sim, porém com papéis menos desiguais, onde nem o homem nem a mulher exerçam o poder sobre o outro, isto é, sem implicar submissão de uma das partes é o ideal pretendido desde o início das lutas feministas.

Será que a mulher precisa assumir uma condição radicalmente oposta,

assumir um papel masculino, de dominação, para sair do papel de dominada?

De nosso ponto de vista, o paradoxo está justamente em manter o jogo dominante/dominado.

Nesse sentido, a metáfora que gritam nestes bailes nos é útil: “Tá dominado! Tá tudo dominado!” Os padrões de desigualdade, de violência e de dominação são mantidos, mesmo que aparentemente invertidos, dificultando a construção de modelos de relacionamento que permitam o crescimento, a liberdade e a dignidade, tanto do homem quanto da mulher. A nossa sociedade continua a disseminar a violência, implícita e explícita, como se vê na mídia impressa, na TV e nos espaços públicos. “Cachorra”, como se diz no sul do país sobre uma situação constrangedora, sem saída, é a nossa condição relacional em meio a tantos estereótipos e confusões, onde se sabe mais competir e se defender do que “apaziguar”, que é o título de outra música de uma dupla regional, que faz sucesso nas rádios (Bruno e Marrone).

Outros grupos que tocam bastante nas rádios nos dias atuais retratam a importância dada à beleza da mulher e ao poder econômico do homem. É o caso dos dois sucessos interpretados por Caju e Castanha e de um terceiro cantado por Teodoro e Sampaio, respectivamente: “A mulher feia e a mulher bonita”; “O poder que a bunda tem” e o já citado neste texto, “Mulher Chorona”. São letras que estouram nas paradas de sucesso, falando do poder da mulher bonita, do poder da bunda feminina e da mulher que chora por tudo, reforçando o estereótipo da mulher frágil, sensível, indecisa e das relações entre homem e mulher pautadas em dinheiro e troca de favores sexuais. Mesmo considerando os diferentes conjuntos e estilos musicais

ouvidos por grupos sociais diferentes em diferentes proporções e por meios midiáticos diversificados (TV, Rádio, iPod, Internet entre outros), a disseminação de tais padrões de desigualdade relacionados a poder nas relações de gênero atinge todas as camadas da população. Poucos são os meios de comunicação, programas de televisão ou de rádio que propõem discussões sobre tais padrões ou representações, apresentando tal situação de modo a propiciar reflexão sobre o valor de relações mais equitativas no que se refere ao assunto.

Como foi colocado anteriormente, tem-se criado, na música, personagens com mulheres que oscilam entre a dominação e a subordinação de acordo com certos atributos. Como na música cantada por Caju e Castanha: “Dizem que a mulher feia, quando ela é ciumenta, se o seu marido é bonito e ela não lhe sustenta, quando ela sai com ele dá coice que nem jumento... a mulher bonita tem um olhar atraente, tem o cheiro de maçã, tem um sorriso inocente... E com isso ela consegue amansar qualquer valente.” Estes modelos, ao mesmo tempo em que parecem colocar a mulher no poder, retomam a imagem do homem poderoso, que submete e que, portanto, tem direito à mulher bonita, ao seu corpo escultural como fonte de prazer.

A CONTRIBUIÇÃO DA LINGUAGEM NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DE NOVOS PADRÕES DE RELACIONAMENTO

Além da mídia e das produções artísticas atuais, as mudanças na forma de falar, principalmente das mulheres, que hoje usam termos tabu antigamente exclusivos dos homens, têm relevância na expressão do que se pensa e de como se age em relação às questões de gênero.

Os estudos já citados sobre o comportamento verbal em diversos países e culturas mostram que também e principalmente nesta área existem fortes contradições (Albischer & Forel, 1991; Galli de Paratesi, 1991). Dentre muitos exemplos trazidos pelos autores, o uso pelas mulheres italianas de exclamações como “foder” e “trepar” no sentido de vencer, “ferrar” alguém, mostram como, com expressões semanticamente inadequadas, a mulher adotou a linguagem que conota o ato sexual como agressão, como uma vitória para quem é “ativo” e humilhante para quem se deixa penetrar. Isto também ocorre atualmente no Brasil, com a mesma conotação.

Então, como os autores colocaram, as italianas e as brasileiras apropriaram-se da bandeira e da propaganda, de quem tem uma ideia do ato sexual como fonte de poder ou de prazer apenas para os homens. Poderíamos pensar como Bourdieu e Wacquant (1992) que os mecanismos de resistência podem ser alienantes e a submissão pode ser libertadora? Talvez para as jovens das periferias esse seja o resultado da identificação com o dominador. No entanto, ao se disseminarem para outros grupos sociais, tornam-se mais um veículo de propagação de uma pseudosubmissão feminina, como estratégia para “levar vantagem”, isto é, conseguir benefícios pelo uso do sexo, jogo perigoso sujeito a más interpretações e duplas mensagens que, no final das contas, não contribui para tirar o significado das relações de gênero baseadas em domínio, cuja moeda é a força da sedução, da sexualidade e dos bens materiais entre os contendores.

O homem “fodido” é bom, poderoso, forte e a mulher “fodida” é a mulher que não tem medo. Mas tanto a um quanto a outro pode ser atribuído o adjetivo no sentido de “ferrado”, hu-

milhado, que perdeu. Ambos utilizam atualmente este vocabulário.

Voltando à música como expressão dos tempos atuais, temos o exemplo de “Eu já fui de você”, que cantada rapidamente dá o sentido de “fodi” você.

“Foda-se”, dane-se, também é utilizado por homens e mulheres, no sentido de “não me importo,” ou “que se vire”, “que se estrepe”.

Já os termos “gostoso” e “gostosa” atualmente são utilizados pelos dois sexos sem que marque uma conotação de submissão ou de poder, referindo-se ao corpo, ao prazer sexual tanto de um quanto de outro, bem como as expressões “ele é um tesão”, “ela é um tesão” ou “é tesuda”.

Contrastando com os exemplos dados, os homens brasileiros dizem “dei uma foda”, e as brasileiras dizem, na maioria das vezes, “fizemos amor”, “transamos”. Algumas já se apropriaram de termos como “trepamos”. Mas quando a mulher se apropria da forma de falar e de vestir, antes assumida pelos homens numa sociedade machista, troca de posição, assume o controle e domina? Ou dá um tiro no próprio pé?

Cada vez mais se fala, nas sociedades ocidentais, no aumento da busca de relações pautadas em amor, carinho e compromisso, dada a dificuldade de consegui-las. Será que experimentar tanta competição, poder e controle do sexo oposto tem resultado em novas buscas?

Será que aquilo que as pessoas assistem na TV ainda é o que querem para si no âmbito privado? Ou estamos chegando a uma era em que a espontaneidade na relação entre os sexos poderá ser vivenciada de forma mais igualitária? Não igual. Igualitária!

Devemos, porém, enquanto profissionais, e parte das nossas redes, as quais se entrelaçam com as redes de muitas outras pessoas, redes que sus-

tentam padrões e construções, inclusive relacionadas à nossa identidade e a identidade dos demais, deixar de reforçar os padrões que ainda reduzem as possibilidades de relacionamento cooperativo e que favorecem práticas violentas, exploradoras e desiguais.

Enxergar as dinâmicas de poder, o sistema mais amplo, a cultura consumista, materialista, ávida por prazer imediato, amplifica o cenário e o contexto da construção desses padrões e nos ajuda a entender as atuais tentativas de alcançar relacionamentos mais equitativos, mesmo que inicialmente de forma exacerbada, onde o poder apenas muda ou parece mudar de mãos.

Para isso, podemos iniciar questionando e não repetindo o que se fala e como se fala, uma vez que isso se propaga e o sistema gira no mesmo eixo sem sair do lugar.

É preciso, porém, considerar que a linguagem traz consigo significados, e é sinal de pertencimento e de identificação com um grupo ou geração. Talvez esta geração esteja expressando, mesmo através dos exageros e apelos sexuais, a dificuldade de sair de padrões rígidos sem cair na repetição pelo oposto. Para não se sentirem submissas, as mulheres estariam tentando mostrar o controle, o poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da convivência de pontos de vista diferentes e falas que reforçam a questão da desigualdade relacionada a gênero, estamos assistindo a uma flexibilização, embora cheia de paradoxos. Pensamos que essa posição pós-feminista citada pela articulista indica sim uma mudança na balança do poder entre os gêneros, porém com a polarização invertida, mantem-

do assim o desequilíbrio da mesma. É preciso não esquecer que as ações não são o que define a realidade, mas sim o significado a elas atribuído e que estes são eivados de valores que subsidiam, motivam as ações. Pensar uma nova ética nas relações de gênero vai muito além de inverter as posições de quem domina quem, pois, em última análise, quem aparentemente domina decidindo como e com quem usar seu poder de sedução e de dar prazer, não deixa de estar dominada pelo poder do dinheiro ou pelas facilidades que ele proporciona em troca. Portanto, todo dominador também em algum sentido é dominado, é a lógica do relacionamento. Daí a necessidade de buscar menos polarização, menos desequilíbrio nessa balança, pois isso impede qualquer negociação na direção de maior igualdade e equidade.

Não é possível, porém, esperar uma unicidade, já que em cada contexto as mudanças ocorrerão de formas diversas.

O que concluímos é que a divisão rígida de papéis de gênero não tem mais sentido na sociedade atual pelas conquistas das mulheres a novas posições e as inevitáveis mudanças na situação dos homens daí consequentes. Parece, no entanto, que esse linguajar agressivo, depreciativo e desqualificador reservado ao feminino, à mulher como objeto de manipulação masculina, tem o significado de uma resistência masculina para não perder a supremacia. Ao inverter posições como fazem certos grupos de mulheres, apropriando-se de tais expressões, elas se confirmam como coisa, como objeto, em uma comunicação de duplo sentido, além de reforçar e propagar tais significados.

Como mudar esta situação?

É de fundamental importância que homens e mulheres, pais, mães, educadores, terapeutas, pesquisadores e outros profissionais tenham uma clara consciência de suas posições nas relações de gênero para que possam agir de acordo, com crítica, sabendo do que precisam e o que sentem. Devem refletir, portanto, se concordam com uma posição tradicional de divisão de papéis, com a subordinação da mulher, se estão numa posição de discutir essa divisão e subordinação, ou se já se encontram em um nível de construção de uma posição mais equilibrada, sem polarização, com plena consciência das diferenças, porém com senso de equidade, capacidade de cooperação, que demanda flexibilidade, respeito entre as partes, negociação clara, explícita sobre desejos e possibilidades de cada um, e sobre como se complementarem para alcançá-los.

Para isso, faz-se necessária uma ampla discussão pública e a educação é ponto crucial deste processo. Livros infantis que retratem homens e mulheres com diferentes formas de viver e de se expressar, educadores conscientes das necessidades de valorizar diferenças sem desigualdade, pais exercitando um novo modelo de relacionamento. Isso pode trazer (possivelmente para a nova geração) a condição de incluir um leque mais amplo de escolhas na construção da identidade dos que estão por vir. Aí devemos lembrar que caberá aos mais velhos legitimar estas novas formas de relacionar-se, já que serão parte importante da rede social dos jovens adultos e das crianças de amanhã.

Possivelmente teremos a chance de dar a eles o que buscamos e raramente encontramos em nossas famílias de origem: a coragem e a ousadia de questionar o *status quo* político, social, econômico, doméstico e religioso.

- Abundis**, P. (2007). Construcción de la identidad femenina en programas de belleza radiofónicos. *Nueva época*, 7, 77-99. Recuperado em 24 abril, 2012, de <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/html/346/34600703/34600703.html>
- Albischer**, V., & **Forel**, C. (1991). *Falas masculinas? Falas femininas? Sexo e linguagem*. São Paulo: Brasiliense
- Bordieu**, P., & **Wacquant**, L. (2008). An invitation to reflexive sociology. In S.H.S. Borelli & J. Freire Filho (Orgs.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: Educ.
- Cervený**, C. (2011). *A família como modelo*. São Paulo: Livro Pleno.
- Dias**, L. (2005). Homem e mulher: estratégias linguísticas diferentes? *Cadernos do NNFL*, IX (17).
- Esteves de Vasconcelos**, M.J. (2004). Pensamento sistêmico novo-paradigmático: novo-paradigmático por quê? *Família e comunidade/Núcleo de Família e Comunidade do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP*. São Paulo: Via Lettera.
- Figueira**, S. (1987). *Uma nova família?* Rio de Janeiro: Zahar.
- Feijó**, M. (2012). Família e projetos sociais voltados para jovens: impacto e participação. *Estudos em psicologia*, 29(2).
- _____. (2007). Práticas sistêmicas com casais e famílias com dificuldades sexuais. In A.L. Horta & M. Feijó. *Sexualidade na família*. São Paulo: Expressão e Arte Editora.
- _____. (2006). Família e gênero. In C. Cervený (org.) *Família e...* São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Falicov**, C.J (1988). Learning to think culturally. In H.A. Liddle, D.C. Breunlin, & R.C. Schwartz (eds.). *Handbook of Family Therapy Training and Supervision*. New York: Guilford Press.
- Flannery**, R. (1946). Men's and woman's speech in Gros Ventre. *International Journal of American Linguistics*, 12, 133-35.
- Freedman**, J., & **Combs**, G. (1996). *Narrative therapy: the social construction of preferred realities*. New York: WW Norton.
- Galli de Paratesi**, N. (1991). As palavras tabus e a mulher. In V. Albischer & C. Forel. *Falas masculinas, falas femininas? Sexo e Linguagem*. São Paulo: Brasiliense.
- García**, M.P. (2000). *Como hablan las mujeres*. Madrid: Arco libros.
- Geertz**, C. (1973). *The interpretation of cultures*. New York: Basic Books.
- Gergen**, K. (1994). *Realities and relationships: soundings in social construction*. Cambridge: Harvard University Press.
- Greenglas**, E. (1982). *A world of difference: gender roles in perspective*. Toronto: Wiley.
- Hondébine**, A. (1991). Na pista do imaginário linguístico. In V. Albischer & C. Forel. *Falas masculinas? Falas femininas? Sexo e linguagem*. São Paulo: Brasiliense.
- Horta**, A.L., & **Feijó**, M. (2007). *Sexualidade na família*. São Paulo: Expressão e Arte Editora.
- Macedo**, R.M. (2007). Sexualidade e Gênero. In A.L. Horta, & M. Feijó. *Sexualidade na família*. São Paulo: Expressão e Arte Editora.
- _____. (2006). Família e gênero. In C. Cervený (org.) *Família e...* São Paulo: Casa do Psicólogo.
- McNamee**, S. (2008). Um estudo socioconstrucionista da expertise terapêutica. *Nova Perspectiva Sistêmica*, XVI(31), 34-43.
- Martin**, C., & **Mahoney**, A. (1996). Gender dilemmas and myth in the construction of marital bargains: issues for marital therapy. *Family Process*, 35.

- Mead, M.** (1969). *Sexo e temperamento*. São Paulo: Perspectiva.
- Medina, C.** (1974). *Família e mudança*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Medrado, B.** (1997). A masculinidade na mídia televisiva brasileira. Trabalho apresentado no XXVI Congresso Interamericano de Psicologia, São Paulo.
- Morin, E., Castro, G., & Carvalho, E.** (2006). *Ensaio de complexidade*. Porto Alegre: Sulina.
- Motta, R., & Ciurana, E.** (2002). A cultura da complexidade e a complexidade da cultura. *Margem*, 16, 171-173.
- Palomino, E.** (2001). Cultura popozuda. *Folha de São Paulo*, 4.
- Schmidt, F.** Documentário “Sou feia mas tô na moda” mapeia o funk carioca. Recuperado em 27 abril, 2007, de <http://cinema.uol.com.br/ult-not/2005/12/15/ult26u20447.jhtm>.
- Sluzki, C.** (1997). *A rede social na prática sistêmica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Soares, M., Feijó, M.R., & Valério, N.I. et al.** (2011). O apoio da rede social a transexuais femininas. *Paideia*, 21(48), 83-92.
- Turdgill, P.** (1991). Sexo e prestígio linguístico. In V. Albischer & C. Forel. *Falas masculinas? Falas femininas? Sexo e linguagem*. São Paulo: Brasiliense.
- Vieira, D.** (2012). Adolescência, gênero e uso de substâncias. In E. Silva & D. Michelli. *Adolescência, uso e abuso de drogas: uma visão integrativa*. São Paulo: FAP/UNIFESP.